



A DIETA ALIMENTAR DE POPULAÇÕES HUMANAS PRÉ-HISTÓRICAS OBSERVADA ATRAVÉS DA PRESENÇA DE GRÃOS DE AMIDO EM MÓS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CAIXA D'ÁGUA, DE BURITIZEIRO/MG

FÁBIO OLIVEIRA FREITAS¹; ANDRÉ PROUS²; GABRIEL SOUZA PADUA³; MARIA JACQUELINE RODET⁴;

1. EMBRAPA, BRASÍLIA, DF, BRASIL; 2,3,4. FAFICH-UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL;
fabioalternativo@gmail.com

Resumo: Apresentaremos aqui a metodologia e análise de peças líticas identificadas como mós ou bigornas do sítio arqueológico “Caixa d’Água”, às margens do Rio São Francisco no município de Buritizeiro, estado de Minas Gerais, que foram escavadas pelo Setor de Arqueologia do Museu de História Natural (MHNJB-UFMG) e analisadas no Laboratório de Ciências da Conservação (LACICOR, EBA – UFMG). As mós, encontradas em estruturas funerárias datadas por volta de 6.400 e 5.000 AP¹, foram utilizadas por populações pré-históricas e apresentaram vestígios vegetais, com destaque para o amido. São, portanto, um dos mais antigos registros de micro-vestígios alimentares na pré-história do Brasil. Amostras precedentes de tais mós foram observadas em microscópio de luz polarizada e também em microscópio eletrônico de varredura, evidenciando presença de vários tipos de amidos. Os grãos de amido possuem características distintas para os diferentes tipos de espécies vegetais, tornando possível identificar espécies coletadas, manipuladas, cultivadas ou de outra forma trabalhadas por aqueles grupos humanos.

Palavras-chave: pré-história; arqueologia; arqueobotânica; amido.

Introdução

O sítio arqueológico Caixa d’Água situa-se no município de Buritizeiro, Minas Gerais (região centro-norte), na margem esquerda do rio São Francisco (em seu curso alto-médio, a 50 km de onde o rio das Velhas reforça-o). Na margem oposta temos a cidade de Pirapora. O sítio está próximo às corredeiras do rio, num topo de soerguimento de arcósio, protegido das cheias. O Setor de Arqueologia Pré-Histórica do Museu de História Natural e Jardim Botânico, da Universidade Federal de Minas Gerais (MHNJB-UFMG), realizou escavações arqueológicas no local entre os anos de 2005 e 2009. O sítio arqueológico, a céu aberto, revelou um cemitério pré-histórico onde foram exumados 44 sepultamentos, datados entre 6 400 a 5000 Antes do Presente¹, situando-se no período do Holoceno médio.

Grupos humanos que ali viveram aproveitavam as rochas disponíveis localmente em várias atividades diferentes, podendo empregá-las em sua indústria lítica, assim como, em seus rituais funerários, etc. Blocos de arcósio acompanhavam os esqueletos, sendo os mesmos dispostos na parte superior da sepulturas (fig. 1). Alguns deles

apresentam marcas evidentes de trabalho humano, como depressões, picoteamento ou polimento, podendo ter sido utilizados como bigorna ou mó, para processar alimentos e outros usos. Outros tipos de artefatos foram encontrados acompanhando os mortos, feitos em outras matérias-primas, como no caso das pontas de osso.

Nesse artigo apresentamos as metodologias utilizadas em laboratório para a análise das bigornas ou mós provenientes de alguns dos sepultamentos. O objetivo é determinar seus possíveis usos e conhecer mais da alimentação desses grupos pré-históricos. A análise foi realizada no Laboratório de Ciências da Conservação (LACICOR), da Escola de Belas Artes da UFMG. É importante aqui ressaltar que as peças líticas selecionadas não foram lavadas e permaneceram reservadas no MHNJB após a escavação, e quando manipuladas no LACICOR, as mesmas foram trabalhadas em ambiente sem contaminação, com mãos limpas e luvas sem presença de talco.

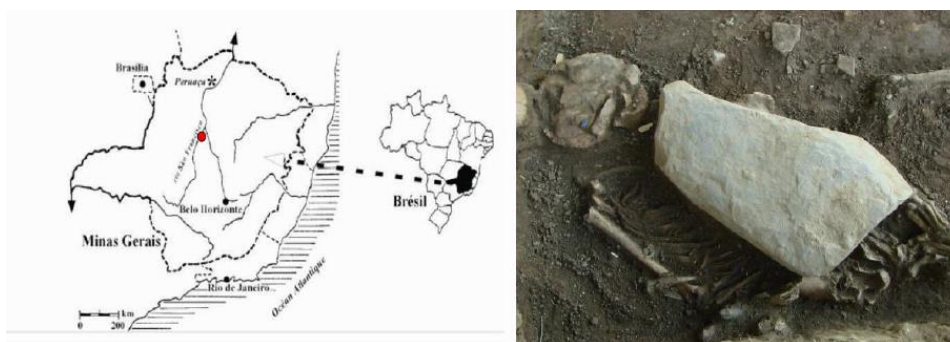


Figura 1 – Localização do sítio e imagem do sepultamento com peça lítica (foto MHNJB-UFMG)

Material e Métodos

Várias amostras procedentes de oito peças foram estrategicamente selecionadas, havendo coleta de material por raspagem, montando-se dispersões em lâminas de vidro a fim de observação em microscópio de luz polarizada (Souza,1986). Foram ainda realizadas análises em microscópio eletrônico de varredura, tendo sido o material arqueológico analisado retirado das mós através de decalque. A partir das observações, investigamos a presença (ou não) dos grãos de amido.

Resultados e Discussão

Feita a retirada gradativa de camadas da superfície das mós, foi gerada uma lâmina com dispersão para cada camada. Não foi observado amido nas camadas mais externas, indicando que não houve contaminação de fonte externa para a presença de



amido nas peças. A presença de amido foi observada somente nas camadas mais internas, ou seja, o mesmo foi oriundo de manipulação antiga (fig. 2). Esses resultados confirmam que as mós foram utilizadas durante a pré história para manipulação de espécies vegetais. Esses instrumentos serviram de base para triturar ou quebrar alimentos, em seguida eles foram deixados como acompanhamentos nos sepultamentos. Teriam sido esses alimentos processados como um acompanhamento ritual no momento da morte ou a peça teria seguido o morto em seu cotidiano e em seguida teria sido sepultada com o mesmo? Não sabemos as respostas para essas perguntas, no entanto, em nenhum outro local do sítio que não os sepultamentos foi encontrada esse tipo de peça lítica.

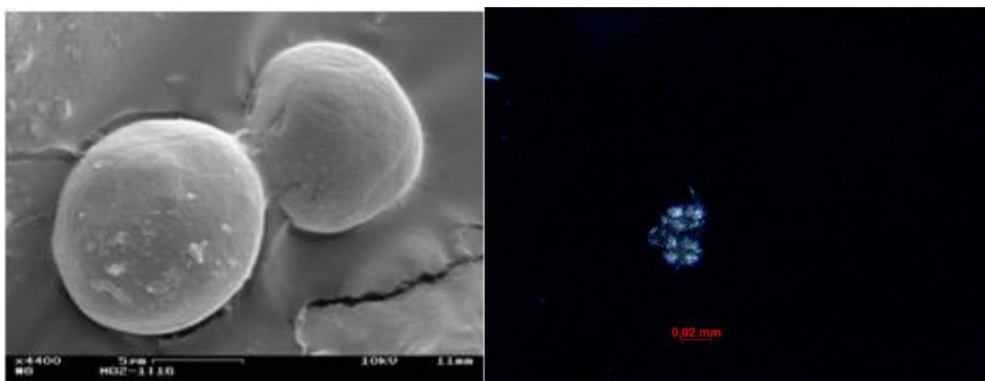


Figura 2 - Imagens de grãos de amido pré históricos encontrados durante nossas análises em MEV e microscópio de luz polarizada, respectivamente

Conclusões

As superfícies das mós, utilizadas para trituração de gêneros alimentícios, apresentaram vestígios vegetais, particularmente, presença de amido. As pesquisas nas mós e bigornas continuam, a intenção é uma melhor identificação do amido presente na sub-superfície das peças.

A forma e o tamanho de grãos de amido possuem características distintas para as diferentes espécies vegetais, tornando-se possível, a partir deles, identificar as espécies coletadas, cultivadas ou de maneira geral manipuladas por aquelas populações pré-históricas. Ou seja, vemos aqui um dos mais antigos registros de micro-restos vegetais alimentares da pré história brasileira, em níveis que datam em mais de 5.000 AP.



Agradecimentos

Setor de Arqueologia Pré-Histórica do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG; Mission Archéologique Française du Minas Gerais ; Laboratório de Ciências da Conservação da Escola de Belas Artes da UFMG; CNPq; FAPEMIG

Referencias Bibliograficas

BABOT, María del Pilar. *Tecnología y utilización de artefactos de molienda en el noroeste prehispánico*. Tese de doutorado em Arqueologia, Universidad Nacional de Tucumán, Argentina, 2004.

COIL, James; KORSTANJE, M. Alejandra; ARCHER, Steven e HASTORF, Christine A. *Laboratory goals and considerations for multiple microfossil extraction in archaeology*. Journal of Archaeological Science, vol. 30, 2003.

MAZOYER, Marcel & ROUDART, Laurence. *História das agriculturas no mundo*. Ed. UNESP, 2009.

PERRY, Linda. *Protocolo para extração de grãos de amido de vestígios arqueológicos*. Laboratório de Arqueobotânica, Smithsonian National Museum of Natural History, EUA.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. 2ª edição, Ed. UNB, 2003.

SOUZA, Luiz A. C. *Evolução da Tecnologia de Policromia nas Esculturas em Minas Gerais no Século XVIII: O interior inacabado da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Catas Altas do Mato Dentro, um monumento exemplar*. Tese de doutorado em Química, ICEx-UFMG, 1986.

NOTAS

1: Antes do Presente é uma escala de tempo convencional utilizada em Arqueologia, tendo como marco o ano de 1950. Os números aqui apresentados foram baseados em datações radiocarbônicas por ^{14}C , feitas pelo laboratório Beta Analytic.